

**O SERVO SOFREDOR NA PAIXÃO SEGUNDO MARCOS (14,1–16,8):
Hermenêutica da solidariedade aos “crucificados” em tempos de pandemia**

THE SUFFERING SERVANT IN THE PASSION SECOND MARKS (14.1–16.8):

Hermeneutics of solidarity with the “crucified” in times of pandemic

Pe. Junior Vasconcelos do Amaral^()
Gustavo César dos Santos^(**)*

Resumo

Este artigo intitulado “*O Servo Sofredor na Paixão segundo Marcos (14,1-16,8): hermenêutica da solidariedade aos ‘crucificados’ em tempos de pandemia*”² tem como objetivo compreender, no horizonte da teologia do Servo Sofredor, no relato da Paixão de Jesus no Evangelho de Marcos (14,1–16,8), a hermenêutica da solidariedade ao Crucificado e aos “crucificados” de hoje. Para tanto, esforçou-se por: perceber e interpretar a teologia do Servo Sofredor no relato da Paixão do Evangelho de Marcos; demonstrar a hermenêutica cristológica existente entre o Crucificado, servo de Deus, com os “crucificados” do tempo de hoje, especialmente aqueles que padecem as consequências da pandemia da Covid-19; compreender o significado da presença de personagens solidários na cena da Paixão de Jesus; e, refletir, numa dimensão pastoral, o sentido hermenêutico da solidariedade tanto para com o Servo Sofredor, quanto para o povo “crucificado” que sofre hoje. O método adotado neste projeto de pesquisa foi o de revisão bibliográfica, explorando tanto textos de teólogos e exegetas que abordam o relato da Paixão segundo o Evangelho de Marcos, com ênfase na figura do Servo Sofredor, quanto textos do Magistério, em especial os do Papa Francisco, que tratam acerca da dimensão solidária a partir da realidade de hoje, marcada, fortemente, pelas consequências da pandemia da Covid-19. Desse modo, viu-se que o Crucificado, Filho de Deus, está em profunda intimidade e relação teológica com os “crucificados” de hoje. Observa-se a relação entre o texto bíblico da Paixão de Jesus, as expressões de solidariedade presentes no próprio texto, e o horizonte pandêmico que se descortina, em consonância também com as expressões de solidariedade e compaixão, frente aos que sofrem hoje, os “crucificados” da pandemia.

Palavras-chave: Servo Sofredor. Jesus Cristo. Crucificado. Crucificados. Pandemia. Covid-19. Solidariedade.

Abstract

This article entitled “*The Suffering Servant in the Passion according to Mark (14,1-16,8): hermeneutics of solidarity with the ‘crucified’ in times of pandemic*” aims to understand, in

^(*)Graduação e Licenciatura Plena em Filosofia pelo Centro Universitário Claretiano de Batatais. Graduação em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia de Belo Horizonte. Mestrado em Teologia Bíblica pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia e Doutorado sanduíche (ano de 2014 na Université Catholique de Louvain) em Teologia pela FAJE, onde defendeu a tese sobre “Análise Narrativa da Paixão de Jesus no Evangelho de Marcos” Atualmente é Professor do quadro permanente na PUC Minas - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais e Pároco na Paróquia Nossa Senhora de Guadalupe, Castelo em Belo Horizonte.

^(**) Graduação Bacharelado em Filosofia pela PUC Minas. Graduando em Teologia pela PUC Minas (2019-2022) e pesquisador científico pelo Fundo de Incentivo à Pesquisa (FIP-PUC Minas), em 2022.

¹ Este trabalho é resultado de uma Pesquisa entre orientador e orientando ligado ao Fundo de Incentivo à Pesquisa da PUC Minas.

² Este trabalho é resultado de uma Pesquisa entre orientador e orientando ligado ao Fundo de Incentivo à Pesquisa da PUC Minas.

the horizon of the theology of the Suffering Servant, in the account of the Passion of Jesus in the Gospel of Mark (14,1–16,8), the hermeneutics of solidarity with the Crucified One and the “crucified ones” of today. To this end, he made an effort to: perceive and interpret the theology of the Suffering Servant in the account of the Passion in the Gospel of Mark; demonstrate the Christological hermeneutics existing between the Crucified One, servant of God, with the “crucified ones” of today, especially those who suffer the consequences of the Covid-19 pandemic; understand the meaning of the presence of solidary characters in the scene of the Passion of Jesus; and, to reflect, in a pastoral dimension, the hermeneutic sense of solidarity both with the Suffering Servant and with the “crucified” people who suffer today. The method adopted in this research project was a bibliographical review, exploring texts by theologians and exegetes who approach the Passion story according to the Gospel of Mark, with emphasis on the figure of the Suffering Servant, as well as texts from the Magisterium, especially those of the Pope Francisco, which deal with the dimension of solidarity from today's reality, strongly marked by the consequences of the Covid-19 pandemic. In this way, it was seen that the Crucified One, Son of God, is in deep intimacy and theological relationship with the “crucified ones” of today. The relationship between the biblical text of the Passion of Jesus, the expressions of solidarity present in the text itself, and the pandemic horizon that unfolds, also in line with the expressions of solidarity and compassion, towards those who suffer today, the “crucified” of the pandemic.

Keywords: Suffering Servant. Jesus Christ. Crucified. Crucified. Pandemic. Covid-19. Solidarity.

INTRODUÇÃO

“Por que há, ainda, no mundo de hoje tanto sofrimento e tanta Paixão humana, tão escandalosa como aquela sofrida por Jesus na cruz? Há, nos dias de hoje, meios de suscitar a misericórdia, a compaixão para com os sofredores, a fim de descê-los da cruz” (AMARAL, 2018, p. 864), de modo a amenizar seus sofrimentos, de modo especial daqueles atingidos por esta pandemia? A Covid-19 tem acentuado imensamente o sentimento de crise do mundo contemporâneo, a sensação real de impotência humana, e o sofrimento das pessoas, de modo particular dos pobres e dos marginalizados. A relevância e a justificativa desta pesquisa gravita em torno do epicentro da possibilidade de superação das dificuldades da contemporaneidade, dentre elas as consequências pandêmicas: luto, desamparo, dor e sofrimento; desemprego, fome e desigualdade social; inaccessibilidade à saúde, à educação e à dignidade de vida. Desse modo, a solidariedade torna-se horizonte hermenêutico de superação das dificuldades de hoje.

Deve-se pensar a solidariedade humana, individual e coletiva, em tempos de pandemia, iluminados pela Palavra de Deus, sobretudo a partir da leitura dos textos da Paixão, que remontam à ideia de que Jesus tornou-se *ebed IHWH* (παῖς Θεοῦ) Servo do Senhor, conforme afirma Oscar Cullmann (2002, p. 75-112), e a solidariedade que ele, o Filho de Deus, experimenta em sua trajetória terrena, tanto da parte das pessoas que contracenam no relato da Paixão – como, por exemplo, a mulher que unge a Jesus em

Betânia, José de Arimateia, Cirineu e as mulheres que acompanhavam e serviam ao Senhor –, quanto de Deus, o Pai, que o ressuscitou da morte, como afirma Mc 16,6-8. Desse modo, deseja-se delinear o horizonte hermenêutico no qual a Paixão do Crucificado traz esperanças e sentido aos mais afetados deste tempo extraordinário que se vive, os “crucificados” de hoje. O intercâmbio de perspectivas horizontais e relacionais, da morte de Jesus e da morte e sofrimento hoje, de inúmeras e incontáveis pessoas, faz com que se pergunte o real sentido da vida e as possibilidades da solidariedade humana em meio à dor. Há, assim, sentido em servir e amar aos que sofrem!

Enfim, se o Crucificado, Filho de Deus, está em profunda intimidade e relação teológica com os “crucificados” de hoje, então o Evangelho veicula grande “potencial de sentido”, atualiza-se nas intempéries do nosso tempo, e torna-se sinal de esperança, de seguimento e de superação das dificuldades. À luz da teologia bíblica, se se expressa a relação dialógica e intercambiável entre a Paixão de Jesus, as expressões de solidariedade presentes no texto, e o horizonte pandêmico, pode-se afirmar a plausibilidade desta pesquisa frente às expressões de solidariedade e compaixão em relação aos que sofrem hoje, os “crucificados” de nosso tempo.

1 A TEOLOGIA DO SERVO SOFREDOR NO RELATO DA PAIXÃO DO EVANGELHO DE MARCOS (14,1–16,8)

1.1 O SERVO SOFREDOR NA TEOLOGIA DE ISRAEL

Os profetas estão na raiz da teologia de Israel. A denúncia social feita por eles corrobora com a teologia de todo Israel. O livro do profeta Isaías, além de ser muito relevante para a tradição cristã, ocupa um espaço considerável na teologia de Israel. É em Isaías que se encontra o título de *ebed IHWH*³, centro e chave hermenêutica da teologia do Novo Testamento (CULLMANN, 2002, p. 75).

O *ebed IHWH* (παῖς θεοῦ) é o Servo do Senhor que sofre (CULLMANN, 2002, p. 80). Essa imagem está presente nos relatos da profecia de Isaías, de modo mais específico entre os capítulos 40 e 55, nos quais encontramos os quatro cânticos do Servo. Costumeiramente, o livro de Isaías é dividido, segundo Schökel e Sicre Diaz

³ Optou-se pela utilização do termo “*ebed IHWH*” por seu contato mais intrínseco com o texto bíblico e a língua hebraica. Como já foi dito na nota anterior, “Iahweh” é uma transliteração inglesa. Desse modo, preferiu-se usar o tetragrama divino associado ao termo “*ebed*”, em inicial minúscula por não se tratar de um nome, mas de um modo de ser. Ressalta-se, contudo, que, nas citações bibliográficas diretas, permanece a grafia do termo empregado pelo autor.

(1988, p. 88), em três grandes blocos: os capítulos de 1 a 39 são chamados de Proto-Isaías ou Isaías I; o segundo bloco, que compreende os capítulos de 40 a 55 são denominados de Dêutero-Isaías ou Isaías II; e, por fim, os capítulos de 56 a 66 são intitulados de Tritó-Isaías ou Isaías III. Aqui, o esforço, entretanto, volta-se a Isaías II, bloco em que se encontra os quatro cânticos do Servo Sofredor (42,1-4; 49,1-7; 50,4-11; 52,13-53,12).

O Servo Sofredor de IHWH, segundo Schökel e Sicre Diaz (1988, p. 284-285), tem vocação dramática e trágica, contudo gloriosa por meio do sofrimento. É o estabelecimento do máximo paradoxo: é a vitória através do fracasso; é a luta entre o ser e o não ser, entre a vida e a morte; é a palavra e o silêncio; é a presença misteriosa de um “Deus escondido”. O Servo de IHWH é o mediador da salvação que virá; ele é luz das nações, pregador da verdadeira fé e, por sua morte, expia os pecados do povo, sendo glorificado por Deus. O Profeta, ao descrever o *ebed*, serve-se de palavras e de expressões que são, concomitantemente, precisas e misteriosas. Sabe-se, por exemplo, em que consiste sua obra, e os detalhes sobre sua morte. Todavia, não se sabe quem é este Servo (CULLMANN, 2002, p. 78).

Para Cullmann (2002),

[...] a história da salvação se desenvolve do começo ao fim segundo o princípio da substituição, sob a forma de uma redução progressiva: da criação total passa-se à humanidade, da humanidade ao povo de Israel, do povo de Israel ao ‘remanescente’; do ‘remanescente’ a um só homem, Jesus. Este desenvolvimento da história da salvação é prefigurado pelo *Ebed Iahweh*, que é, ao mesmo tempo, povo ‘remanescente’ e indivíduo (p. 80).

Se o *ebed* é o Servo de Deus que sofre, seu sofrimento é substitutivo, pois o sofrimento de inúmeras pessoas é substituído pelo seu, de modo que a aliança de Deus para com seu povo é restabelecida por meio da obra substitutiva do *ebed* (CULLMANN, 2002, p. 80).

1.2 OS CÂNTICOS DE ISAÍAS

Sublinha-se, agora, alguns elementos importantes dos quatro cânticos do Servo, presentes em Isaías II. O primeiro cântico do Servo Sofredor está compreendido em Is 42,1-4. Nesta perícopa, Deus mesmo apresenta o seu eleito – “eis o meu servo” (v. 1a). Além disso, o seu ofício é a eleição divina – “o meu escolhido” (v. 1c) – que se realizará pelo dom do Espírito – “eu pus sobre ele o meu espírito” (v. 1d). Assim, o Servo, eleito e apresentado por Deus, será um mediador carismático da salvação, revelando a vitória

da justiça divina (BÍBLIA SAGRADA, 2018, p. 1056, nota 2), a partir de um âmbito universal. Nesse sentido, revela-se a vontade de Deus quando se estabelece um reino universal de justiça, uma vez que essa justiça não é implantada esmagando o que é fraco (SCHÖKEL; SICRE DIAZ, 1988, p. 305-306).

Já o segundo cântico do Servo Sofredor de IHWI circunscreve-se dentro da perícopa de Is 49,1-7. Retoma o tema do primeiro (42,1-4), com insistência em alguns aspectos da missão do Servo como, por exemplo, a predestinação; a missão ampliada não só a Israel, mas a todas as nações para ser para elas luz; e a pregação nova e contundente (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2010, p. 1332, nota 2). Vê-se logo no versículo primeiro a vocação profética do Servo, comparável às narrativas de Isaías, Jeremias, Ezequiel e Amós, por exemplo. O chamado é feito a partir das próprias raízes da existência – “desde o ventre de minha mãe” (v. 1c) – e posto num horizonte universal. Israel perdeu sua luz, sua missão de iluminar, por razão da idolatria. Agora necessita reacender o pavio que ainda fumeja, a fim de iluminar o mundo com a luz, a Palavra de Deus.

O terceiro cântico do Servo Sofredor (Is 50,4-11) apresenta o Servo obediente, corajoso, temente a Deus e consciente de sua missão. Graças a isso, ele suportará as perseguições (vv. 5-6) até que Deus lhe conceda o triunfo definitivo (vv. 9-11). O profeta desta perícopa é modelado pelo Senhor, que tanto lhe dá uma língua quanto abre-lhe os ouvidos, não colocando nenhum tipo de resistência ao chamado de Deus. A Deus, ele se confia, apresentando-se impassível ao juízo humano. No desempenho de sua missão, o profeta aceita o sofrimento totalmente e, no meio desse sofrimento, ele experimenta o socorro de Deus, que o torna mais forte na situação de dor (SCHÖKEL; SICRE DIAZ, 1988, p. 342). É na dor que ele entende sua missão; no sofrimento e no limite da existência que o *ebed IHWI* delinea seu papel.

Por fim, chega-se ao quarto cântico, que, sobremaneira, interessa a este estudo. O relato, em forma de poema simples e, ao mesmo tempo, enigmático (SCHÖKEL; SICRE DIAZ, 1988, p. 351), traz, a partir da imagem do Servo de IHWI, elementos muito significativos à cristologia neotestamentária. A perícopa compreende Is 52,13–53,12. Este quarto cântico apresenta o Servo, oprimido e exaltado, paciente e glorificado, cujo sofrimento substitui a culpa do povo. O conteúdo deste cântico é, ao mesmo tempo, claro e estranho: um inocente que deve sofrer, um humilhado que triunfa e um morto que vive. Esse texto é singular e seus detalhes são precisos, fazendo do mesmo extraordinário em todo o conjunto conhecido como Dêutero-Isaías; além disso,

não se encontra equivalente desta perícopes em todo o Antigo Testamento. Desse modo, sua mensagem não pode ser reduzida ou nivelada, apesar de se encontrarem antecedentes e semelhanças (SCHÖKEL; SICRE DIAZ, 1988, p. 351).

O sofrimento desfigura o homem e, por isso, pode obscurecer a imagem de Deus nele; se um rosto desfigurado produz terror, a sua exaltação produz o correspondente pasmo (vv. 14-15). O Servo que sofre não diz nada, não reclama nem se impõe. É, dessa maneira, silêncio que está velado ao longo de todo o cântico, mas que se explicita no v. 7; aparentando a passividade que reflete, na verdade, sua inteira confiança em Deus. O Servo de IHWH não se defende, nem invoca o castigo sobre os seus, nem sequer lamenta (SCHÖKEL; SICRE DIAZ, 1988, p. 356).

Parece existir, na cena, uma pura presença atraente pela dor e humilhação. “É um renovo, a vida continua, mas a terra mal pode alimentá-lo. É homem, porém desfigurado; habita numa sociedade, mas desprezado; às dores e aos sofrimentos corporais junta-se o abandono dos outros [...]” (SCHÖKEL; SICRE DIAZ, 1988, p. 354). Aqueles que veem o execrado de Deus cobrem os rostos, pois em suas concepções, ele deve ser um castigado do Senhor, um pecador que recebe a retribuição de suas faltas e, por isso, temem contagiar-se por ele. Apesar de o Servo ter sido castigado, esse castigo foi “proveitoso”, pois levou a outros ao arrependimento e o perdão (SCHÖKEL; SICRE DIAZ, 1988, p. 353-354).

Toma-se as inquietações de Schökel e Sire Diaz (1988, p. 357-358) e se pode perguntar mais uma vez: quem é esse personagem? Ou, com quem ele se parece? À exemplo do eunuco de Candace, como se viu, que pediu a Felipe uma explicação daquele trecho, depois de tanto tempo, ainda se faz a mesma pergunta. “Então Felipe começou a falar e, partindo dessa passagem da Escritura, anunciou-lhe o Evangelho de Jesus.” (At 8,35). “Jesus Messias quis modelar a sua vida segundo o modelo de Is 53 [...]. Em Jesus, a figura poética tornou-se realidade, nele ‘realizou essa passagem’ (Lc 4,21).” (SCHÖKEL; SICRE DIAZ, 1988, p. 358). Em última instância, Jesus Cristo, o Filho de Deus, realizou, plenamente, em si mesmo, a missão do Servo Sofredor de IHWH.

1.3 A PAIXÃO DE JESUS NO EVANGELHO DE MARCOS (14,1 – 16,8) RELIDA A PARTIR DA TEOLOGIA DO SERVO SOFREDOR DE IHWH

1.3.1 Jesus Cristo, o Servo Sofredor de IHWH

“Com o título de *Ebed Iahweh*, chegamos ao centro da cristologia do Novo Testamento” (CULLMANN, 2002, p. 75), uma vez que este é um dos títulos mais antigos atribuídos a Jesus. Se o *ebed* é o Servo de Deus que sofre, por trás de seu sofrimento está a ideia de substituição: primeiro, substituiu-se o sofrimento de um grande número de homens pelo sofrimento do *ebed*; depois, graças a sua obra substitutiva, a aliança concluída por Deus com seu povo é restabelecida de uma vez por todas, de forma absoluta (CULLMANN, 2002, p. 80).

Desse modo, afirma-se que a designação de Jesus como o *ebed IHWH* remonta ao próprio Jesus. É bem possível que quando foi batizado, ouvindo a voz do Pai, ele tenha começado a tomar consciência de ser ele mesmo o Servo Sofredor de Deus. Esse fato se demonstra, por exemplo, com as três vezes que o evangelista Marcos coloca na boca de Jesus a predição de sua própria morte (8,31-33; 9,30-32; 10,32-34), no caminho para Jerusalém. Na Ceia do Senhor, isso se realiza de modo visível, quando ele anuncia sua morte expiatória e substitutiva, que seria plenamente realizada na cruz, no dia seguinte. Nesse sentido, a conclusão que se pode estabelecer é que, ao longo de sua missão, Jesus, paulatinamente, foi tomando consciência de ser ele mesmo o Servo Sofredor de Deus, aquele que cumpriria por completo a figura misteriosa dos cânticos de Isaías. Apesar de que o “título de *Ebed Iahweh*, aplicado a Jesus, não estava mais em uso na igreja primitiva, quando os evangelhos sinóticos foram escritos”⁴ (CULLMANN, 2002, p. 92), esse título permite captar o acontecimento cristológico central de uma maneira muito adequada ao testemunho de todos os escritos neotestamentários. Em outras palavras, a noção do *ebed IHWH* caracteriza a obra e a pessoa de Jesus de uma maneira muito própria à do Novo Testamento.

1.3.2 A Paixão de Marcos (14,1 – 16,8) como cumprimento da teologia do Servo Sofredor

⁴ Para Cullmann (2002, p. 92), o título de *ebed IHWH*, que remonta ao próprio Jesus, não estava mais em uso quando os textos sinóticos foram escritos; outros títulos, como o de “Cristo” já eram mais preferidos. “O rápido desaparecimento do *Ebed* deve-se ao fato de que o Cristo *presente* determinou de uma maneira muito imediata a vida das comunidades cristãs primitivas, de forma que sua fé em Jesus estava mais ligada à ideia do ‘Senhor’ presente, do *Kyrios*. Ainda que a obra histórica realizada *por Jesus no passado* ocupasse um lugar central no *pensamento* dos primeiros cristãos, a fé nas consequências desta obra, isto é, a fé no *Kyrios* elevado à destra de Deus e reinando sobre a igreja e o mundo teve, para a *vida* quotidiana dos cristãos e para a igreja, uma importância maior ainda que a própria obra.” (CULLMANN, 2002, p. 112, grifos do autor). Nesse sentido, o desaparecimento do título de “servo” se deu, possivelmente, por razão do modo da abordagem cristológica, que parte da divindade e ressurreição de Jesus, explorando pouco o mistério da encarnação.

A reflexão de Amaral (2016, p. 174) interessa sobremaneira a esta pesquisa ao afirmar que “a caracterização do personagem Jesus no evangelho de Marcos se revela em consonância como o servo sofredor na profecia de Isaías”. Por exemplo: em Mc 14,1-42, Jesus se revela sofredor e obediente; em Mc 14,43–15,15, na cena da prisão de Jesus, estabelece-se um paralelo entre as imagens proféticas de Jesus e a Cristologia da Paixão; a narrativa de Mc 15,16–16,8 apresenta aspectos para uma imagem profética da narrativa da Paixão; por último, o momento da morte de Jesus, em Mc 15,20-37, cumpre as imagens de Cristo Servo Sofredor e profeta condenado (AMARAL, 2016, p. 174). Assim, para o evangelho de Marcos, Jesus cumpre os desígnios de Deus e, por isso, é considerado o justo sofredor que confia totalmente em Deus.

No evangelho de Marcos, o *ebed IHWH* ganha forma dramática, principalmente a partir da percepção do quarto cântico (Is 52,13–53,12).

A cristologia de Marcos [...] constitui produto refinado da percepção e leitura do *servo sofredor* que se entrega piamente à morte, sofrendo e morrendo por muitos (Mc 10,45). [...] Jesus é visto como *servo sofredor* e obediente a Deus na ótica de Marcos; é o servo que se entrega, desde o princípio da narrativa da Paixão, às mãos dos malvados e, seguramente, às mãos salvíficas de Deus, o Pai. (AMARAL, 2016, p. 218, grifos do autor).

Na perspectiva marcana, Jesus é o Filho de Deus que se faz servo para a salvação de muitos, retomando as ideias de substituição e aliança. O verdadeiro e único Servo Sofredor de YHWH entrega sua vida aos discípulos (Mc 14,22) e dá-lhes o cálice da aliança que é derramado por muitos (Mc 14,24). Quando o Crucificado morre, não há motivos para que os discípulos se dispersassem (Mc 14,27); eles mantêm sua fé no ressuscitado, que os precede na Galileia (Mc 16,7b) (AMARAL, 2016, p. 218-219). À guisa de conclusão, Jesus, o Filho de Deus, veio cumprir a vontade salvífica do Pai, tornando-se o Servo Sofredor do Senhor por amor a cada um de nós.

2 HERMENÊUTICA CRISTOLÓGICA ENTRE O CRUCIFICADO E OS “CRUCIFICADOS” DA PANDEMIA DA COVID-19

2.1 A CONTEMPORANEIDADE PANDÊMICA: A COVID-19 E SUAS CONSEQUÊNCIAS

A contemporaneidade, situada cronologicamente na passagem do século XIX para o século XX, apresenta-se, na grande maioria das vezes, fragmentada e carente de

sentido devido a pluralidade e diversidade existente. Além disso, como diz Lyotard (2002, p. xvi), o mundo contemporâneo é inflexível e incrédulo com os ideais da modernidade de verdades absolutas e de metanarrativas universalizantes⁵. “A sociedade passou a ser regida não por princípios universais, mas por fragmentos de verdades provenientes de variadas formas de dizer a vida.” (FERREIRA, 2017, p. 17). Surgem, então, frações do absoluto as quais desejam se autoafirmar no seu diminuto universo de verdade. A contemporaneidade também se caracteriza pela rápida comunicação entre as pessoas, grupos e instituições. Essa comunicação é proporcionada pela avançada tecnologia disponível a grande parcela da população. Por um lado, isso é positivo, mas, por outro, tem-se o problema da desinformação e das *fake news*. Outro fato que atinge o homem contemporâneo é a fragilidade de seus vínculos. Ele é cercado por relações frágeis, efêmeras e desintegradas: os laços criados se diluem facilmente e escapam a qualquer pessoa diante de um simples conflito, num átimo de tempo. A vida vivida, que se realiza a cada encontro, corre grande risco de se esfacelar. “Os tempos são ‘líquidos’ porque tudo muda tão rapidamente. Nada é feito para durar, para ser ‘sólido’.” (BAUMAN, 2007, p. 13).

Em síntese, o tempo atual possui uma outra gramática simbólica (BOURDIEU, 2011), diferente de todas as outras que, historicamente, já experimentamos: o modo como entendemos o tempo, o espaço, o corpo, o outro, a sociedade, a verdade e a linguagem, por exemplo, não é o mesmo que em outros tempos. A subjetividade dos sujeitos está aflorada de um modo como nunca esteve antes, incentivada muitas das vezes pelo uso das tecnologias e pelo acesso às redes sociais. Tudo muda tão rapidamente que vivemos num tempo de grande insegurança e imprevisibilidade. É nesse universo complexo e multifacetado que emerge a pandemia da Covid-19.

2.1.2 A pandemia da Covid-19 e suas consequências

No dia 11 de março do ano de 2020, a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou a pandemia da Covid-19 (MOREIRA; PINHEIRO, 2020), doença causada pelo novo coronavírus (Sars-Cov-2). Nessa época, a Europa vivia um aumento

⁵ A expressão “metanarrativas universalizantes” ou ainda “metarrelatos” foi cunhada pelo filósofo francês Jean-François Lyotard (1924-1998) e corresponde à crença em visões totalizantes da história, além da pretensão de representar a estrutura objetiva do ser. Lyotard é considerado um teorizador da contemporaneidade. Para ele, a experiência da pós-modernidade decorreria da perda de nossas crenças em visões totalizantes da história, que prescreviam regras de conduta política e ética para toda a humanidade. Exemplos: a filosofia iluminista com a crença no logocentrismo; e o marxismo, com a luta de classes.

significativo do número de casos, vindos da China, local considerado o epicentro da pandemia. No Brasil, ainda que o primeiro caso tenha sido constatado no dia 26 de fevereiro (PINHERO; RUPRECHT, 2020), não havia registros de transmissão comunitária, uma vez que os casos existentes eram de pessoas que vieram do exterior ou que tiveram contato com algum estrangeiro.

A situação em terras brasileiras se agravou na semana entre os dias 14 e 21 de março, quando já existia mais de duas centenas de casos confirmados, com transmissão comunitária nas principais metrópoles do país, como São Paulo, Rio de Janeiro, Fortaleza e Manaus (MINISTÉRIO..., 2020). A grande preocupação era de que, com a superlotação e a ineficiência do sistema de saúde do Brasil, muita gente padecesse com a doença, sem conseguir acesso a um tratamento digno. Por isso, foi decretado, embora não a nível nacional, mas pelos Estados e Municípios, o isolamento social obrigatório e a permissão de funcionamento apenas de serviços essenciais, como farmácias e supermercados (OMS..., 2020). Escolas e universidades, comércios e ambientes de lazer, casas de cultura e templos religiosos, *shoppings centers* e eventos esportivos, bares e restaurantes estavam com proibição de funcionamento. Qualquer evento que fosse acontecer, a curto e médio prazo, precisou ser cancelado (SILVA, 2020). Sem dúvida, uma crise sem precedentes se instalava no sistema de saúde, e, junto com ela, uma série de outras crises eram desencadeadas concomitantemente, como, por exemplo, de ordem econômica, política, social, educacional e religiosa.

A sociedade contemporânea, tão acelerada nos seus processos, de fato, parou, ressignificando, inclusive, seu olhar sobre o tempo cronológico. As economias mundiais deram sinais de encolhimento. Cada vez mais detectou-se casos e vítimas fatais da doença. Os hospitais superlotaram. O desemprego subiu assustadoramente (MENEGETTI, 2021) assim como os números de pessoas que passaram fome por consequência da pandemia (GANDRA, 2021). As famílias mais carentes da sociedade começaram a passar grandes dificuldades. Todos esses fatores, consecutivamente, deixaram a sociedade ainda mais angustiada e deprimida, sem contar os altos índices de autoextermínio (PANDEMIA..., 2020).

Diante de todas as consequências geradas pela Covid-19, o caminho mais viável que foi apontado pelas autoridades de saúde, para a superação da pandemia, foi a aplicação da vacina em massa (A IMPORTÂNCIA..., 2021). Somente depois da vacinação atingir boa parte da população é que era possível se pensar num retorno às

atividades cotidianas – como trabalho, estudo, lazer, encontros familiares e sociais, e eventos, por exemplo (SILVA; NOGUEIRA, c2022).

Nesse sentido, torna-se relevante a reflexão produzida pelo Papa Francisco. Para ele, a crise desencadeada pela pandemia da Covid-19 parece única, mas não é. Existem outras crises tão difíceis quanto essa, como, por exemplo “as guerras em diversas partes do mundo, a produção e o tráfico de armas; as centenas de milhares de refugiados que tentam escapar da pobreza, da fome e da falta de oportunidades; das mudanças climáticas” (FRANCISCO, 2020a, p. 11). Em continuidade, o Sumo Pontífice apresenta uma possibilidade de reflexão:

[...] e se os desafios econômicos, sociais e ecológicos que enfrentamos forem, na realidade, faces diferentes da mesma crise? E se eles tiverem todos uma mesma solução? Será que se nosso objetivo fosse outro, não mais de crescimento, mas de novas formas de nos relacionarmos, poderíamos ter outro tipo de economia que atendesse às necessidades de todos dentro dos limites do nosso planeta? (FRANCISCO, 2020a, p. 69).

Para Francisco, todas as crises da atualidade – pensando tanto da pandemia quanto em outras, como citado acima – possuem a mesma raiz e, por isso, a mesma solução. Existe uma miopia existencial que atinge boa parcela da humanidade, a qual faz as pessoas escolher o que se vê, transparecendo a indiferença humana. “A Covid-19 pôs em evidência a outra pandemia, a do vírus da indiferença, que nos faz olhar sempre para o outro lado e nos diz que, como não há solução imediata ou mágica, o melhor é não sentir.” (FRANCISCO, 2020a, p. 25). Expõe-se um paradoxo: embora as pessoas estejam mais conectadas, também estão mais divididas, uma vez que os vínculos de pertencimento estão rompidos.

Diante dos dilemas contemporâneos que foram ainda mais agravados pela pandemia da Covid-19, a única e grande crise que se coloca perante o ser humano, convida-o a recuperar sua sensação de pertencimento. “Estamos em um momento de restaurar a ética da fraternidade e da *solidariedade*, regenerando vínculos de confiança e pertencimento” (FRANCISCO, 2020a, p. 117, grifo nosso). Francisco, ao observar a realidade atual, aponta como proposta o caminho da solidariedade: o rosto do outro despertar o melhor no sujeito. A solidariedade convoca a cada ser humano a uma nova mentalidade que se estrutura coletivamente, em termos de comunidade digna e fraterna.

2.2 HERMENÊUTICA CRISTOLÓGICA DOS “CRUCIFICADOS” DA PANDEMIA A PARTIR DO CRUCIFICADO, SERVO DE IHWH

Historicamente, Ignacio Ellacuría (1978; 1981) foi quem primeiro expressou o termo teológico “povos crucificados”, o qual foi retomado, posteriormente, por Jon Sobrino (1990; 1994). Com esse termo, segundo Silva (2010, p. 242), J. Sobrino

assume a expressão do teólogo I. Ellacuría em um de seus artigos sobre o ‘povo crucificado’. Ora J. Sobrino utiliza ‘povo crucificado’ no singular, ora utiliza ‘povos crucificados’ no plural. Entretanto, ambos os teólogos fazem um círculo hermenêutico entre a Paixão de Jesus vista do lugar dos povos crucificados e os povos crucificados vistos a partir da Morte de Jesus.

A plausibilidade do emprego do termo “povos crucificados” – e expressões equivalentes – se assenta não somente em razões históricas, pensando como está a realidade atual; mas, principalmente, por razões teológicas, refletindo como está a criação divina (SOBRINO, 1994, p. 83), em especial o ser humano. “Povos crucificados”, certamente, é uma linguagem metafórica que comunica uma realidade histórico-material, e aponta, diretamente, seu significado para a fé. Então, pode-se afirmar que existem sim “povos crucificados”, que são convertidos no principal sinal dos tempos, uma vez que o próprio Deus se faz presente em suas “cruzes”, em suas dificuldades (SOBRINO, 1994, p. 86).

Chama a atenção a afirmação de Ellacuría (1981, p. 58 *apud* SOBRINO, 1994, p. 86): “esse povo crucificado é a continuação histórica do servo de Javé, a quem os poderes deste mundo continuam despojando de tudo, continuam arrebatando-lhe a vida, sobretudo a vida”. Nesse sentido, o autor faz uma hermenêutica na qual ele considera os “povos crucificados” como a atualização de Cristo, o Crucificado, o único e verdadeiro Servo Sofredor de IHWH.

Nesse sentido, sob a luz dos cânticos do Servo, vê-se como são iluminadores, pensando na injustiça e desigualdade sociais atuais. Problemas crônicos como a fome, a pobreza, a moradia precária, a insegurança pública, a falta de acesso à educação e saúde de qualidades, escassez de postos de trabalho e a falta de dignidade de vida para uma parcela significativa de pessoas revelam que existem “povos crucificados”, e mais, que os sofrimentos deles se associam ao suplício de Cristo na cruz, preditos nos cânticos do Servo Sofredor do profeta Isaías e atualizados, como se viu, no Evangelho de Marcos.

Pode-se perguntar qual um caminho possível diante deste cenário difícil que se coloca diante de todos. Sobrino (1994, p. 90) diz da necessidade de descer da cruz os “povos crucificados”. Em paralelo a essa linha de pensamento está o Papa Francisco (2020a, p. 60-61) que afirma que “quando a Igreja fala da *opção preferencial pelos*

pobres, isso significa que devemos sempre considerar o impacto das decisões que tomamos na vida dos mais pobres. Mas também significa que devemos pôr os pobres no centro do nosso modo de pensar”. Nesse sentido, o Sumo Pontífice ratifica que um dos modos de descer da cruz os “crucificados” é colocar os pobres como centro do modo de pensar e agir do ser humano, seja no nível religioso seja no nível social (FRANCISCO, 2020a, p. 26).

3 A SOLIDARIEDADE COMO CHAVE HERMENÊUTICA PARA A REALIDADE CONTEMPORÂNEA: possibilidade para os “crucificados” de hoje

3.1 AS EXPRESSÕES DE SOLIDARIEDADE COM O CRUCIFICADO NO CAMINHO DO CALVÁRIO: um recorte do relato da Paixão segundo Marcos (14,1–16,8)

No relato da Paixão de Jesus Cristo segundo Marcos (14,1–16,8), percebe-se expressões de solidariedade para com o Crucificado. A primeira expressão de solidariedade que será abordada, é a mulher que unge a Jesus em Betânia, na casa do leproso Simão (14,3-9). “Ela unge Jesus para a morte, antecipando, de forma concreta, o que as mulheres almejavam em Mc 16,1” (AMARAL, 2016, p. 167). O que acontece, de fato, com a antecipação da unção, é uma clara referência ao embalsamamento de Jesus. Aquela mulher, inominada, realizou uma obra boa e memorável. Neste caso, da unção em Betânia, o quadro narrativo é de união, ainda que em meio à conspiração. Em outras palavras, há um contexto de fraternidade dentro de outro contexto, maior que o anterior, de conspiração inimiga (AMARAL, 2016, p. 247). O acolhimento e a generosidade da mulher que unge a Jesus em Betânia é sinal de sua solidariedade para com o Servo Sofredor de IHHW. Assim, numa trama de conspiração e perseguição, a mulher que estava à casa de Simão, o leproso, transforma aquela realidade num contexto de fraterna união, acolhimento e, o mais importante, de solidariedade. No seu generoso gesto de acolhida, ela se sentiu responsável por Jesus; sobremaneira, ela empenhou-se pelo bem comum daquela realidade. A mulher fez da casa de Simão, o leproso, uma casa da solidariedade.

A segunda expressão de solidariedade no Evangelho da Paixão de Jesus Cristo segundo Marcos se dá com Simão Cirineu, em Mc 15,21. O texto bíblico nos afirma apenas que ele era pai de Alexandre e de Rufo; voltava do campo, e foi requisitado para carregar a cruz de Jesus.

O cenário consiste no caminho, no qual transeuntes e espectadores do suplício vão passando ou se aglomerando. Certo homem, Simão Cireneu, pai de Alexandre e Rufo, homem certamente conhecido pelas indicações do narrador, é obrigado a carregar a cruz de Jesus pelo caminho; a lente do narrador visualiza um civil e o enquadramento jurídico de condenação toca a instância cível, pois um cidadão é obrigado a ajudar um condenado em seu suplício. (AMARAL, 2016, p. 195-196).

Ainda segundo Amaral (2016, p. 168), Simão Cirineu “exerce um papel decisivo, tornando-se, mesmo que por imposição, solidário a Jesus em seu suplício”. Mesmo que por obrigação imposta pelas autoridades romanas, Simão Cirineu consegue se solidarizar com Jesus em seu caminho rumo ao Calvário, aliviando um pouco seu sofrimento e empenhando-se em ajudá-lo. Numa situação delicada, na qual se percebe tamanha hostilidade e violência, Simão Cirineu apresenta um pequeno e profundo gesto de solidariedade. Ele faz do caminho do Crucificado um caminho de solidariedade.

Um terceiro personagem que é expressão de solidariedade com Jesus no relato da Paixão é José de Arimateia, em Mc 15,43-46. Ele era um respeitável membro do Sinédrio, que também esperava o Reino de Deus (15,43); ele é quem assume a sepultura de Jesus (15,44-46). Ele, que era um homem nobre e de posição social relevante, se coloca a serviço; com sua influência, consegue de Pilatos o corpo do Senhor morto e a permissão de sepultá-lo (15,46). Para que isso pudesse de fato acontecer, “era preciso que este homem [José de Arimateia] fosse minimamente conhecido entre aqueles que guardavam o palácio de Pilatos” (AMARAL, 2016, p. 197). Além da coragem de um religioso judeu do Sinédrio pedir o corpo de Jesus a Pilatos, ele prepara a sepultura daquele que fora morto na crucifixão: “compra lençóis para sepultá-lo e o leva para um túmulo escavado numa rocha. Lá ele rola uma pedra sobre a porta do sepulcro” (AMARAL, 2016, p. 197). A solidariedade de José de Arimateia é expressa “com a experiência, não descrita, mas pressuposta, de um discipulado. Discipulado não explícito, haja vista que ele ocupava cargo de destaque no Conselho do Sinédrio. Se ele tivesse se colocado no caminho de Jesus teria se tornado motivo de escândalo para muitos” (AMARAL, 2016, p. 216-217). Assim, de forma velada, a fé e o discipulado de José de Arimateia se transformam em expressão concreta de solidariedade com o Senhor que já estava morto.

Por último, como quarta expressão de solidariedade no relato da Paixão de Jesus Cristo segundo Marcos temos, na verdade, um núcleo de personagens: as mulheres que

acompanhavam e serviam a Jesus desde a Galileia (15,40-41.47;16,1ss). Dentre elas, estavam Maria Madalena, Maria – mãe de Tiago Menor e de José – e Salomé.

O narrador afirma que aquelas mulheres seguiam e serviam Jesus, na Galileia, desde o início de seu ministério. Isso alude à veracidade de seu discipulado, fazendo pensar que elas não estivessem em Jerusalém apenas por ocasião da Páscoa, como muitos turistas, mas que tivessem acompanhado Jesus em sua caminhada, com os Doze e muitos outros anônimos. (AMARAL, 2016, p. 171).

Essas mulheres aparecem em três momentos no texto bíblico: em 15,40-41; em 15,47; e em 16,1ss. A primeira perícopé (15,40-41) corresponde ao relato que inaugura a presença das mulheres no cenário do Calvário. O testemunho delas é feito de longe, a parte. A segunda perícopé (15,47) afirma a presença dessas mesmas mulheres no sepultamento de Jesus: “Maria Madalena e Maria, mãe de José, observavam onde ele havia sido colocado”. Elas se mostram atentas e, aqui, já manifestam, implicitamente, o desejo de embalsamar o corpo de Jesus (AMARAL, 2016, p. 261). Já a terceira perícopé (16,1ss), repleta de surpreendentes acontecimentos, se assenta no fato do túmulo estar vazio e da presença de um jovem, vestido de roupas brancas, anunciando a ressurreição de Jesus, o Nazareno, o Crucificado (16,5-6). Em última instância, a presença dessas mulheres – Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago Menor e de José, e Salomé –, ainda que de forma silenciosa e discreta, se traduz em presença solidária com o Servo Sofredor de IHWH.

3.2 A NECESSIDADE DE SE ALARGAR O CONCEITO DE SOLIDARIEDADE:

o sentido hermenêutico da solidariedade com os “crucificados” de hoje

Se Jesus, o Servo Sofredor de IHWH, experimentou, pelo caminho do Calvário, a solidariedade de homens e mulheres, hoje também existe a possibilidade de se apropriar da solidariedade humana, numa hermenêutica que permita a superação das dificuldades do tempo atual. A solidariedade convoca todos a uma nova mentalidade que se estrutura coletivamente, em termos de comunidade digna e fraterna. A solidariedade leva a pensar e ver os “crucificados” deste mundo, ter compaixão com eles e buscar descê-los da cruz de seus sofrimentos.

3.2.1 A necessidade de se alargar o conceito de solidariedade

Uma vez que a solidariedade é apresentada como o horizonte hermenêutico desta pesquisa, vê-se a necessidade de, num primeiro momento, alargar seu conceito. A Doutrina Social da Igreja (DSI, 2011, §192) apresenta uma definição do termo: “a solidariedade confere particular relevo à intrínseca sociabilidade da pessoa humana, à igualdade de todos em dignidade e direitos, ao caminho comum dos homens e dos povos para uma unidade cada vez mais convicta”. Nesse sentido, percebe-se que a solidariedade é sinônimo da promoção da dignidade e dos direitos humanos, na construção do bem comum entre todas as pessoas.

Além disso, a Doutrina Social apresenta a solidariedade sob dois aspectos complementares, que contribuem no aprofundamento de seu significado: o de princípio social e o de virtude moral. Num primeiro aspecto, a solidariedade é vista como princípio social ordenador das instituições. Sob esse ponto de vista, “as ‘estruturas de pecado’ que dominam as relações entre as pessoas, devem ser superadas e transformadas em *estruturas de solidariedade*, mediante a criação ou a oportuna modificação de leis, regras do mercado, ordenamentos” (DSI, 2011, §193, grifos dos autor). Num segundo aspecto, a solidariedade é percebida como uma virtude moral. Nesse caso, ela

é a determinação firme e perseverante de se empenhar pelo bem comum; ou seja, pelo bem de todos e de cada um, porque todos nós somos verdadeiramente responsáveis por todos. A solidariedade eleva-se ao grau de virtude social fundamental, pois se coloca na dimensão da justiça, virtude orientada por excelência para o bem comum, e na ‘aplicação em prol do bem do próximo, com a disponibilidade, em sentido evangélico, para perder-se em benefício do próximo em vez de o explorar, e para servi-lo em vez de o oprimir para proveito próprio’ (DSI, 2011, §193, grifos do autor).

Nesse segundo aspecto, a solidariedade quebra com uma lógica de exploração, violência e individualismo. Ela é o empenho pelo bem comum, pelo bem de todos, pela promoção do outro, num horizonte de serviço. “À luz da fé, a solidariedade tende a superar-se a si mesma, a revestir as dimensões especificamente cristãs da gratuidade total, do perdão e da reconciliação.” (DSI, 2011, §196). A solidariedade reconhece um espaço conferido à liberdade humana que promove um crescimento comum, compartilhado por todos (DSI, 2011, §194).

Ainda no esforço de alargar o conceito de solidariedade, agora, volta-se o olhar ao que o Papa Francisco, em seu magistério, propõe aos cristãos e a todas as pessoas de boa vontade. Para ele, claramente, a solidariedade é uma resposta possível aos problemas de hoje e, por isso, deve ser vista como caminho a ser trilhado na

contemporaneidade: “não sairemos melhor desta crise se não aceitarmos um *princípio de solidariedade* entre os povos” (FRANCISCO, 2020a, p. 120, grifo nosso). E continua: “estamos em um momento de restaurar a ética da fraternidade e da solidariedade, regenerando vínculos de confiança e pertencimento” (FRANCISCO, 2020a, p. 117). O Sumo Pontífice, inclusive, oferece uma síntese daquilo que ele entende por solidariedade:

[...] quando falo de solidariedade, me refiro a muito mais do que à promoção de obras filantrópicas e/ou a assistência financeira àqueles que sofrem as maiores perdas. Porque solidariedade não é partilhar as migalhas da mesa, mas fazer com que, à mesa, haja lugar para todos. A dignidade do povo é um chamado à comunhão: a partilhar e multiplicar os bens e à participação de todos e para todos (FRANCISCO, 2020a, p. 121).

Além disso, na carta encíclica *Fratelli Tutti* (2020), o Papa Francisco também apresenta um importante alargamento da definição de solidariedade. Para ele,

[...] a solidariedade manifesta-se concretamente no serviço, que pode assumir formas muito variadas de cuidar dos outros. O serviço é, em grande parte, cuidar da fragilidade. Servir significa cuidar dos frágeis das nossas famílias, da nossa sociedade, do nosso povo. Nesta tarefa, cada um é capaz de pôr de lado as suas exigências, expectativas, desejos de onipotência, à vista concreta dos mais frágeis. O serviço fixa sempre o rosto do irmão, toca a sua carne, sente a sua proximidade e, em alguns casos, até ‘padece’ com ela e procura a promoção do irmão (FT, 2020, §115).

Segundo Francisco, a solidariedade é uma palavra que nem sempre agrada, uma vez que ela também consiste em lutar contra as causas estruturais da pobreza, da desigualdade, da falta de trabalho, da terra e da casa, da negação dos direitos sociais e laborais (FT, 2020, §116).

Assim, a solidariedade é um valor que atua como princípio permanente iluminando as ações que compõem a convivência. Ser solidário com o próximo é tecer laços de comunidade, é dar prioridade à vida de todos, ainda que isso dificulte ou impeça a prosperidade de alguns. A solidariedade é uma força motora da história. Se for levada até suas últimas consequências, ela vai tornar a Terra – nossa Casa comum – um espaço de vida abundante, capaz de acolher todos os homens e mulheres, e todas as espécies vivas numa grande e complexa comunidade. A solidariedade, em última instância, apresenta-se a nós como horizonte hermenêutico para a superação das dificuldades de nosso tempo.

3.2.2 A hermenêutica da solidariedade com os “crucificados” de hoje

Quando se alcança o conceito de solidariedade chega-se ao núcleo desta pesquisa, pois é na hermenêutica da solidariedade que está a possibilidade de superação das consequências da pandemia da Covid-19. Luto, dor, sofrimento, desamparo, desemprego, fome, desigualdade social, violência, inaccessão à saúde, à educação e à dignidade de vida são exemplos de situações que podem ser superadas, de forma conjunta, com a prática da solidariedade fraterna.

Quando se diz da necessidade da prática solidária, recorda-se do texto da *Fratelli Tutti* quando se fala da importância de se reconhecer todo ser humano como um irmão, de modo a procurar uma amizade social que integre a todos (FT, 2020, §180). Para Francisco, a amizade social existe quando se sabe conjugar os direitos com a responsabilidade pelo bem comum, e as diversidades com o reconhecimento de uma fraternidade radical. Todo e qualquer esforço nesta linha torna-se um exercício alto da caridade.

Segundo o Papa Francisco, sob um ponto de vista integral da realidade, o ambiente humano e o ambiente natural degradam-se em conjunto; e não podemos enfrentar adequadamente a degradação ambiental, se não prestarmos atenção às causas que têm a ver com a degradação humana e social. Se tudo está interrelacionado, o cuidado autêntico da nossa própria vida e das nossas relações com a natureza é inseparável da fraternidade, da justiça e da fidelidade aos outros (LS, 2015, §48;70). Em outras palavras, não há duas crises separadas: uma ambiental e outra social; mas uma única e complexa crise socioambiental. Na defesa da ideia de uma “ecologia integral”, Francisco (LS, 2015, §230) afirma que ela é feita também de simples gestos cotidianos, pelos quais quebramos a lógica da violência, da exploração, do egoísmo. Esses gestos do dia a dia promovem a solidariedade nas pessoas, em suas relações e no mundo como um todo.

O Crucificado, Filho de Deus, está em profunda intimidade e relação teológica com os “crucificados” de hoje. Nesse sentido, o Evangelho veicula grande “potencial de sentido” no ato de entrecruzar os horizontes de ontem com os de hoje. Tal entrecruzar atualiza-se nas intempéries do nosso tempo, e torna-se sinal de esperança, de seguimento e de superação das dificuldades, como em outros tempos da história passada. Assim, observa-se, à luz da teologia bíblica, a relação dialógica e intercambiável entre o texto bíblico da Paixão de Jesus, as expressões de solidariedade

presentes no próprio texto, e o horizonte pandêmico que se descortina, em consonância também com as expressões de solidariedade e compaixão, frente aos que sofrem hoje, os “crucificados” da pandemia. Nesse sentido, a reflexão de Amaral (2016, p. 267) torna-se pertinente.

Foi possível perceber na ação solidária e historicamente real, a unção em Betânia, o convite para suavizar, com o perfume da alegria, a vida de tantos homens e mulheres que sofrem. Também, percebemos, através do relato do descendimento de Jesus da cruz, o gesto solidário realizado por José de Arimateia, o convite a também descermos nossos irmãos de suas cruzes. Este convite se tornou para nós, através da leitura do evangelho marcano, uma interpelação inarredável para os nossos corações: O que podemos fazer para descer nossos irmãos, os crucificados, da cruz em que vivem? Cruzes escandalosas, pois são expressões de injustiça, desigualdade, maldade e corrupção. É possível constatar, em nossa realidade mundial, que as cruzes escandalosas, ainda, fazem incontáveis vítimas, tais instrumentos de suplício trazem suspensos em suas hastes homens, mulheres, crianças, pobres massacrados. Suspensos nelas, estão os incontáveis rostos desfigurados pelas feridas causadas por um sistema que viola os direitos, assassina, tortura, massacra, com suas aversões, tanto aos estrangeiros, aos pobres, às mulheres, aos homossexuais e as classes minoritárias.

Em relação aos “crucificados”, é preciso descê-los da cruz (1994, p. 83), ou seja, é preciso práticas solidárias e transformadoras, pensadas a partir do bem comum, que promovam a dignidade da pessoa humana, eliminando as grandes desigualdades existentes. À guisa de conclusão, reflete-se que hoje “a solidariedade é o caminho a percorrer rumo a um mundo pós-pandemia, para a cura das nossas doenças interpessoais e sociais. [...] a solidariedade é precisamente um caminho para sairmos melhores da crise, não com mudanças superficiais” (FRANCISCO, 2020d), mas melhores. Em momentos de crise, a solidariedade guiada pela fé traduz, para nós, o amor de Deus na nossa cultura globalizada. Nesse processo, não se constrói nem muros nem torres divisoras, mas criando comunidades e apoiando processos de crescimento verdadeiramente humanos (FRANCISCO, 2020d).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao se aproximar do término desta pesquisa, pode-se dizer, com motivação e esperança, que, de alguma maneira, atingiu-se aquilo que foi proposto e pretendido: compreender, no horizonte da teologia do Servo Sofredor de IHWH, no relato da Paixão de Jesus no Evangelho de Marcos (14,1–16,8), a hermenêutica da solidariedade ao Crucificado e aos “crucificados” de hoje. Problematizou-se algumas questões e refletiu-se perspectivas muito importantes desta temática, deixando-se tocar pela atualidade e

potencial de sentido do Evangelho: que relação pode existir entre, de um lado, os sofrimentos experimentados pelo Crucificado nos relatos da Paixão, e, de outro, as dificuldades enfrentadas pelos “crucificados” de hoje? O que se pode fazer para dirimir o sofrimento dos “crucificados”, vítimas da pandemia da Covid-19, descendo-os, também da cruz? A intenção não é o acabamento, de fato, do trabalho, propondo uma solução definitiva do problema; contudo, acredita-se no apontamento de horizontes tanto teóricos quanto práticos para possibilidades de elucubrações e ações futuras.

A solidariedade torna-se, nesse sentido, chave hermenêutica, caminho concreto e possível a ser trilhado em vista da superação das questões já abordadas. A solidariedade é indicativo de que, para a realidade pandêmica atual, se pode se inspirar em ações evangélicas e promover, a partir da realidade, ações nesse sentido que ajudem a minimizar os impactos causados pela Covid-19. Hoje, a solidariedade é caminho a se percorrer rumo a um mundo pós-pandemia, para a cura das nossas doenças interpessoais e sociais. Contemporaneamente, existem cruces escandalosas, sinônimas da injustiça e desigualdade sociais, de altos índices de desemprego e fome, de violência e marginalização, falta de acesso aos sistemas de saúde e educação de qualidade, por exemplo. Essas cruces escandalosas fazem ainda muitas vítimas em todo o mundo. “Suspensos nelas, estão os incontáveis rostos desfigurados pelas feridas causadas por um sistema que viola os direitos, assassina, tortura, massacra, com suas aversões, tanto aos estrangeiros, aos pobres, às mulheres, aos homossexuais e as classes minoritárias.” (AMARAL, 2016, p. 267). Na tarefa de anunciar e testemunhar o Evangelho de Jesus Cristo na fidelidade, deve-se esforçar-se por descer esses “crucificados” de suas cruces.

REFERÊNCIAS

A IMPORTÂNCIA da vacina no combate ao novo coronavírus. **Universidade Federal Fluminense (UFF)**. 25 fev. 2021. Disponível em: <https://www.uff.br/?q=importancia-da-vacina-no-combate-ao-novo-coronavirus>. Acesso em: 21 jul. 2022.

AGÊNCIA SENADO. Brasil poderia ter sido primeiro do mundo a vacinar, afirma Dimas Covas, à CPI. **Senado Notícias**. 27 maio 2021. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/05/27/brasil-poderia-ter-sido-primeiro-do-mundo-a-vacinar-afirma-dimas-covas-a-cpi>. Acesso em: 21 jul. 2022.

AMARAL, Junior Vasconcelos do. **A Paixão de Jesus no Evangelho de Marcos (14,1 – 16,8): uma leitura narratológica**. Belo Horizonte, 2016. Disponível em: <https://www.faculdadesuita.edu.br/teses-teologia-227/a-paixao-de-jesus-no-evangelho-de-marcos-14-1-16-8-uma-leitura-narratologica-26032019-214637> Acesso em: 29 de ago. 2021.

BADDINI, Bruna; FERNANDES, Daniel. Primeira pessoa é vacinada contra Covid-19 no Brasil. **CNN Brasil**. 17 jan. 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/primeira-pessoa-e-vacinada-contra-covid-19-no-brasil/>. Acesso em: 21 jul. 2022.

BARBOSA, Bernardo. Drive-in e drive thru viram opções para eventos em tempos de pandemia. **CNN Brasil**. 24 jun. 2020. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/entretenimento/drive-in-e-drive-thru-viram-opcoes-para-eventos-em-tempos-de-pandemia/>. Acesso em: 21 jul. 2022.

BAUMAN, Zygmunt. **Tempos líquidos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. Nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2010.

BÍBLIA SAGRADA. Tradução oficial da CNBB. Brasília: CNBB, 2018.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

BRASIL ultrapassa 668 mil mortes pela Covid. **Folha de São Paulo**. 10 jun. 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2022/06/brasil-ultrapassa-668-mil-mortes-pela-covid.shtml>. Acesso em: 21 jul. 2022.

BROWN, Raymond E. **A morte do Messias**. Comentário das narrativas da Paixão nos Quatro Evangelhos. v. 2. São Paulo: Paulinas, 2011.

CALGARO, Fernanda. Governo Bolsonaro e as vacinas contra a Covid: veja a cronologia e entenda as polêmicas. **Portal de Notícias G1**. 17 jul. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2021/07/17/governo-bolsonaro-e-as-vacinas-cronologia.ghtml>. Acesso em: 21 jul. 2022.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Constituição dogmática **Dei Verbum**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1969.

CULLMANN, Oscar. **Cristologia do Novo Testamento**. Traduzido por Daniel de Oliveira e Daniel Costa. Editora Custom: São Paulo, 2002.

ELLACURÍA, Ignacio. **Discernir ‘el signo’ de los tempos**. *Diakonia*, n. 17, a. 1981, p. 57-59.

ELLACURÍA, Ignacio. *El Pueblo crucificado*. Ensayo de soteriología histórica. **Revista Latinoamericana de Teología**, n. 18, a. 1978, p. 305-333.

ELLACURÍA, Ignacio. El pueblo crucificado. In: ELLACURÍA, Ignacio; SOBRINO, Jon. **Mysterium Liberationis: conceptos fundamentales de la Teología de la Liberación**. v. 2. Madrid: Trotta, 1994. p. 189-216.

FERREIRA, Vicente de Paula. **Vulnerabilidade pós-moderna e cristianismo**. Aparecida, SP: Santuário, 2017.

FRANCISCO, Papa. **Exortação Apostólica Evangelii Gaudium**: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulinas, 2013.

FRANCISCO, Papa. **Carta Encíclica Laudato Sí**: sobre o cuidado da Casa Comum. Brasília: Edições CNBB, 2015.

FRANCISCO, Papa. **Carta Encíclica Fratelli Tutti**: sobre a fraternidade e a amizade social. São Paulo: Paulinas, 2020.

FRANCISCO, Papa. **Vamos sonhar juntos**: o caminho para um futuro melhor. Traduzido por Austen Ivereigh. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020a.

FRANCISCO, Papa. **Catequese – “Curar o mundo”**: 2. Fé e dignidade humana. 12 ago. 2020b. Disponível em:
https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2020/documents/papa-francesco_20200812_udienza-generale.html Acesso em: 31 de ago. 2021.

FRANCISCO, Papa. **Catequese – “Curar o mundo”**: 3. A opção preferencial pelos pobres e a virtude da caridade. 19 ago. 2020c. Disponível em:
https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2020/documents/papa-francesco_20200819_udienza-generale.html Acesso em: 31 de ago. 2021.

FRANCISCO, Papa. **Catequese – “Curar o mundo”**: 5. A solidariedade e a virtude da fé. 02 set. 2020d. Disponível em:
https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2020/documents/papa-francesco_20200902_udienza-generale.html Acesso em: 31 de ago. 2021.

FRANKL, Viktor Emil. **O sofrimento de uma vida sem sentido**: caminhos para encontrar a razão de viver. Tradução de Karleno Bocarro. São Paulo: É Realizações Editora, 2015.

GANDRA, Alana. Pesquisa revela que 19 milhões passaram fome no Brasil no fim de 2020. **Agência Brasil**. 06 abr. 2021. Disponível em:
<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2021-04/pesquisa-revela-que-19-milhoes-passaram-fome-no-brasil-no-fim-de-2020>. Acesso em: 21 jul. 2022.

GARCIA, Amanda. Vacinação explica queda expressiva de números da Covid-19, diz infectologista. **CNN Brasil**. 09 nov. 2021. Disponível em:
<https://www.cnnbrasil.com.br/saude/vacinacao-explica-queda-expressiva-de-numeros-da-covid-19-diz-infectologista/>. Acesso em: 21 jul. 2022.

HISTÓRIA VIVA. São Paulo: Duetto, n. 3, mar. 2004, p. 28-31.

JÚNIOR, Hilário Franco. **A Idade Média**: nascimento do ocidente. 2. ed. rev. ampl. São Paulo: Braziliense, 2001.

KIKUTI, Mônica. Ensino à distância se consolida na pandemia. **Revista Entre Asanas**. 09 abr. 2021. Disponível em: <https://abmes.org.br/noticias/detalhe/4317/ensino-a-distancia-se-consolida-na-pandemia>. Acesso em: 21 jul. 2022.

KRAISCH, Gilberto. **Jesus e o anúncio do Reino de Deus na teologia de Jon Sobrino**: a perspectiva das vítimas e o compromisso de descer da cruz os povos crucificados. 2008. Dissertação (Mestrado) – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE), Belo Horizonte, 2008.

LORENS, Evandro. **Fake news e desinformação: uma ameaça à democracia**. **Correio Brasiliense**. 09 abr. 2021. Disponível em:
<https://www.correiobrasiliense.com.br/opiniao/2021/04/4917137-artigo-fake-news-e-desinformacao-uma-ameaca-a-democracia.html>. Acesso em: 07 jul. 2022.

LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna**. Tradução de Ricardo Corrêa Barbosa. 7. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.

MATOS, Henrique Cristiano José. **Introdução à História da Igreja**. 6º ed. Belo Horizonte: Editora O Lutador. 2020. v.2.

MELLO, Daniel. *Home office* foi adotado por 46% das empresas durante a pandemia. **Agência Brasil**. 28 jul. 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2020-07/home-office-foi-adotado-por-46-das-empresas-durante-pandemia>. Acesso em: 21 jul. 2022.

MENEGHETTI, Luana. IBGE. Desemprego durante a pandemia foi maior que o estimado. **Revista Veja**. 30 nov. 2021. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/economia/ibge-desemprego-durante-a-pandemia-foi-maior-que-o-estimado/>. Acesso em: 21 jul. 2022.

MINISTÉRIO declara transmissão comunitária do novo coronavírus em todo território nacional. **Portal de Notícias G1**. 20 mar. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/03/20/ministerio-declara-transmissao-comunitaria-nacional-do-novo-coronavirus.ghtml>. Acesso em: 21 jul. 2022.

MOREIRA, Ardilhes; PINHEIRO, Lara. OMS declara pandemia de novo coronavírus. **Portal de Notícias G1**. 11 mar. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/03/11/oms-declara-pandemia-de-coronavirus.ghtml>. Acesso em: 02 jun. 2022.

O PERIGO das *fake news*. **Tribunal de Justiça do Estado do Paraná**. [2020]. Disponível em: https://www.tjpr.jus.br/noticias-2-vice/-/asset_publisher/sTrhoYRKnlQe/content/o-perigo-das-fake-news/14797?inheritRedirect=false. Acesso em: 07 jul. 2022.

OMS reforça que medidas de isolamento social são a melhor alternativa contra o coronavírus. **Portal de Notícias G1**. 30 mar. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2020/03/30/oms-reforca-que-medidas-de-isolamento-social-sao-a-melhor-alternativa-contr-o-coronavirus.ghtml>. Acesso em: 21 jul. 2022.

PANDEMIA de Covid-19 aumenta fatores de risco para suicídio. *Organização Pan-Americana da Saúde*. 10 set. 2020. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/noticias/10-9-2020-pandemia-covid-19-aumenta-fatores-risco-para-suicidio>. Acesso em: 21 jul. 2022.

PINHERO, Chloé; RUPRECHT, Theo. Coronavírus: primeiro caso é confirmado no Brasil. O que fazer agora? **Veja Saúde**. 26 fev. 2020. Disponível em: <https://saude.abril.com.br/medicina/coronavirus-primeiro-caso-brasil/>. Acesso em: 02 jun. 2022.

PINTO, Helder de Souza Silva; GOMES, Vinícius Borges. Propagando o cuidado: Olhares pastorais diante da pandemia. **Instituto Humanitas Unisinos**. 27 mar. 2020. Disponível em <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/597509-propagando-o-cuidado-olhares-pastorais-diante-da-pandemia>. Acesso em: 02 jun. 2022.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS. Pró-Reitoria de Graduação. Sistema Integrado de Bibliotecas. **Orientações para elaboração de projetos de pesquisa, trabalhos acadêmicos, relatórios técnicos e/ou científicos e artigos científicos**: conforme a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT). 4. ed. reform. e atual. Belo Horizonte: PUC Minas, 2022. Disponível em: www.pucminas.br/biblioteca. Acesso em: 12 set. 2022.

PONTIFÍCIO CONSELHO JUSTIÇA E PAZ. **Compêndio da Doutrina Social da Igreja**. Traduzido pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). 7. ed. São Paulo: Paulinas, 2011.

PREÇOS dos combustíveis no Brasil: por que subiram e o que pode ser feito; veja perguntas e respostas. **Portal de Notícias G1**. 27 jun. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2022/06/27/precos-dos-combustiveis-no-brasil-por-que-subiram-e-o-que-pode-ser-feito-veja-perguntas-e-respostas.ghtml>. Acesso em: 21 jul. 2022.

ROSA, Rovená. Pesquisa estima pelo menos 18% de subnotificação de mortes por Covid-19 no país. **Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)**. 12 maio 2022. Disponível em: <https://ufmg.br/comunicacao/noticias/pesquisa-estima-pelo-menos-18-de-subnotificacao-de-mortes-por-covid-19-no-pais>. Acesso em: 21 jul. 2022.

SCHÖKEL, L. Alonso; SICRE DIAZ, J. L. **Profetas I: Isaías e Jeremias**. Coleção Grande Comentário Bíblico. Traduzido por Anacleto Alvarez. São Paulo: Paulus, 1988.

SILVA, Lara Livia Santos da *et al.* Medidas de distanciamento social para o enfrentamento da Covid-19 no Brasil: caracterização e análise epidemiológica por estado. **Cadernos de Saúde Pública**. Rio de Janeiro, set. 2020. Disponível em: <http://cadernos.ensp.fiocruz.br/csp/artigo/1183/medidas-de-distanciamento-social-para-o-enfrentamento-da-covid-19-no-brasil-caracterizacao-e-analise-epidemiologica-por-estado>. Acesso em: 11 jun. 2022.

SILVA, Lílian Oliveira Pereira da; NOGUEIRA, Joseli Maria da Rocha. A corrida pela vacina em tempos de pandemia: a necessidade da imunização contra a Covid-19. **Revista Brasileira de Análises Clínicas**. (RBAC). c2022. Disponível em: <http://www.rbac.org.br/artigos/a-corrida-pela-vacina-em-tempos-de-pandemia-a-necessidade-da-imunizacao-contra-a-covid-19/>. Acesso em: 21 jul. 2022.

SILVA, Luiz Vieira. **Jesus-Servo de Deus, ponto de interseção entre as Cristologias descendente e ascendente**: um paradigma alternativo de comunhão para o seguimento de Jesus na Cristologia da Libertação Latino-americana na perspectiva de Jon Sobrino. Rio de Janeiro: PUC-RIO (Tese de doutorado), 2010.

SOBRINO, Jon. **Fora dos pobres não há salvação**: pequenos ensaios utópicos-proféticos. São Paulo: Paulinas, 2008.

SOBRINO, Jon. **O Princípio Misericórdia**: descer da cruz os povos crucificados. Petrópolis: Vozes, 1994.

SOBRINO, Jon. Os povos crucificados, atual servo sofredor de Javé: à memória de Ignácio Ellacuría. **Revista Concilium**, Petrópolis, n. 232, 1990, p. 118-119.

USO de máscaras deixa de ser obrigatório em ambientes fechados em Belo Horizonte. **Prefeitura de Belo Horizonte**. 27 abr. 2022. Disponível em: <https://prefeitura.pbh.gov.br/noticias/uso-de-mascaras-deixa-de-ser-obrigatorio-em-ambientes-fechados-de-belo-horizonte>. Acesso em: 21 jul. 2022.

VACINA contra a Covid-19: quarta dose ou segunda dose de reforço. **Secretaria de Saúde do Distrito Federal**. 30 jun. 2022. Disponível em: <https://www.saude.df.gov.br/quarta-dose-ou-segunda-dose-de-reforco1>. Acesso em: 21 jul. 2022.

WERNECK, Natasha. Pandemia faz preço dos produtos disparar; salário mínimo não acompanha alta. **Jornal Estado de Minas**. 06 dez. 2021. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/economia/2021/12/06/internas_economia,1328782/pandemia-faz-preco-dos-produtos-disparar-salario-minimo-nao-acompanha-alta.shtml. Acesso em: 21 jul. 2022.

WILIAN, Breno. Igrejas on-line: pandemia impulsiona lives de eventos religiosos.
JMVSTREAM. 02 jun. 2020. Disponível em: <https://jmvstream.com/pt-br/igrejas-on-line-durante-a-pandemia/>. Acesso em: 21 jul. 2022.

(Recebido em outubro de 2022; aceito em dezembro de 2022).